



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Transformações contemporâneas no mundo do trabalho e exploração da força de trabalho**

## **O MÉTODO DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA:**

**APROXIMAÇÕES DE ANÁLISE E INVESTIGAÇÃO NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**RITA DE CASSIA DE SOUZA SILVA<sup>1</sup>**

**FERNANDA DE MEDEIROS MACHADO CORDEIRO<sup>2</sup>**

**CLÁUDIA MARIA COSTA GOMES<sup>3</sup>**

### **RESUMO:**

Esse trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/ UFPB/CNPq) em andamento. Em termos metodológicos, empreendemos uma revisão bibliográfica com base na crítica da economia política. Nosso objetivo nesse artigo consiste, portanto, em construir uma exposição que revele os estudos aproximativos das categorias da crítica da economia pela iniciação científica, a partir do Plano de Trabalho, intitulado: Determinações do ajuste permanente no Brasil: Crise e rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho.

**Palavras-chave:** Crítica da economia Política, Força de Trabalho, Forças produtivas, relações sociais de produção.

### **RESUMEN:**

Este trabajo presenta resultados parciales de una investigación de Iniciación Científica en curso (PIBIC/ UFPB/CNPq). En términos metodológicos, realizamos una revisión bibliográfica basada en la crítica de la economía política. Nuestro objetivo en este artículo es, por lo tanto, construir una exposición que revele los estudios aproximados de las categorías de la crítica de la economía por la iniciación científica, con base en el Plan de Trabajo, titulado: Determinaciones del ajuste permanente en Brasil: Crisis y reducción de los costos de reproducción de la fuerza de trabajo.

**Palabras clave:** Crítica de la Economía Política, Fuerza de Trabajo, Fuerzas Productivas, relaciones sociales de producción.

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba

## 1. INTRODUÇÃO

O exercício da crítica teórica, fundamentada com base nas categorias da crítica da economia política, na prática da pesquisa, têm sido nos últimos anos, o objeto de reflexão central no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa em Economia Política e Trabalho – GEPET, cadastrado no Diretório Geral de Pesquisadores do Brasil/CNPq. O objetivo do artigo é apresentar parte das reflexões teórico-metodológicas que vem sendo empreendidas na pesquisa de iniciação científica (PIBIC/UFPB/CNPq), com interface no Projeto de Pesquisa de Produtividade em andamento<sup>4</sup>.

Trata-se de um esforço cada vez mais necessário na formação do Serviço Social, imprimir os fundamentos críticos das categorias econômicas, que constituem o método "cientificamente exato" nos termos de Marx (1987), almejando extrair da realidade as mediações e contradições do fenômeno investigado, o que significa dizer que a análise da totalidade social, nas suas diversas manifestações é pressuposto da investigação. Para isso, tomamos como ponto de partida, o caráter histórico do fenômeno estudado (Triviños, 1987).

Para tanto, o percurso analítico metodológico da iniciação científica (PIBIC/UFPB/CNPq), desde o ano de 2022 vem dando continuidade e adensamento ao objeto de pesquisa, através das referências aportadas no referido Projeto de Produtividade. A ideia é avançarmos em termos de interlocução do objeto de estudo, a partir dos objetivos apostos no Plano de Trabalho, intitulado, Determinações do ajuste permanente no Brasil: Crise e rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho.

Para alcançar nosso objetivo central, optamos como procedimentos metodológicos, uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, envolvendo levantamento bibliográfico e análise de dados secundários. O tema vem sendo abordado a partir de uma teoria do capital, tomando como referência os estudos de Marx do valor-trabalho (lei geral da acumulação capitalista, composição orgânica do capital) e toda teoria social decorrente (teoria da mais-valia, teoria da acumulação, teoria dos salários, etc.), considerando que constitui o arcabouço mais geral de nossa pesquisa de produtividade, perpassada pela iniciação científica.

---

<sup>4</sup> Projeto de Pesquisa Produtividade CNPq, intitulado: Crise e Dependência: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016, financiado com recursos públicos.

Nosso objetivo nesse artigo consiste, portanto, em construir uma exposição que revele os estudos aproximativos das categorias da crítica da economia pela iniciação científica.

## 2. Uma aproximação ao método e as categorias da crítica da economia política

Nosso ponto de partida na investigação do objeto de estudo, sinaliza para a importância do método científico na produção de conhecimento, sendo ele o caminho indispensável para a aproximação da realidade. Em vista disso, enfatiza-se a necessidade de aportarmos a análise de Marx e ao seu método da crítica da economia política, denominado fundamental para a compreensão da sociedade e as relações sociais presentes nela, desde um ponto de vista teórico, histórico e crítico.

A rigor, a tarefa de investigar as leis de funcionamento da sociedade capitalista só foi possível para Marx ao se apropriar de um método que surge da própria realidade efetiva *post facto*, amadurecida pelos sucessivos acontecimentos da história social, que é, por assim dizer, produto e resultado de um longo processo de elaboração da realidade objetiva que como tal, se manifesta pela aparência dos fenômenos sociais, exigindo, assim, um conhecimento que aporte as suas leis e relações de causalidade. “[...] aliás, toda ciência seria supérflua se houvesse coincidência imediata entre a aparência e a essência das coisas” (MARX, 2008, p. 1080). Portanto, a ciência cumpre uma função: perseguir as múltiplas determinações do movimento real; pois tudo o que surge e se manifesta no plano da reflexão, deriva da relação dialética entre o real concreto e a totalidade histórica explicada (Gomes, 2022, p. 20).

A partir do andamento da pesquisa, adentramos nos estudos de Marx, que tem como objetivo apreender a realidade concreta, realidade esta, determinada pela sociedade burguesa. Para ele, a teoria não produz o objeto dado, ela reproduz seus movimentos, desta forma devemos apreender que a realidade está dada, mas ela é apenas uma abstração que precisamos decompor, mas para entendê-la, precisamos questioná-la e analisá-la, oferecendo uma abordagem crítica, que propicie explicar o seu movimento, sua dinâmica e estrutura, produzindo conhecimentos científicos extremamente ricos.

Nesse sentido, pudemos observar alguns aspectos fundamentais para a compreensão de seu método, que enfatiza as condições materiais e objetivas da sociedade, por meio da análise da categoria forças produtivas, que são fundamentais na determinação das estruturas sociais e ideologias na sociedade burguesa. Forças produtivas que representa a própria “[...] expressão material e intelectual do grau de dominação do homem sobre a natureza; de sua capacidade adquirida para forçar a natureza a satisfazer suas necessidades” (Boisgontier, 1971, p. 254,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

tradução nossa).

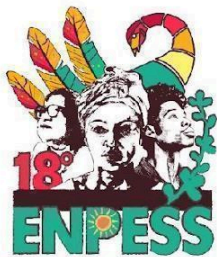
Pode-se dizer que em Marx a base econômica da sociedade burguesa forma a estrutura sobre a qual se desenvolvem as demais superestruturas, como a política, a ideologia, cultura, etc. Em seu método, a história aparece como um fator importante na análise da sociedade, ou seja, as sociedades se desenvolvem ao longo da história, trazendo em cada período características econômicas, sociais e políticas moldadas pelas condições objetivas e subjetivas de cada época. A dialética, pois, deve ser observada de maneira gradual às contradições e as mediações existentes na totalidade das relações sociais, pois o movimento dessas contradições e mediações tendem a alterar e impulsionar mudanças sociais significativas, tanto nos aspectos econômicos, quanto políticos, e sociais. De tal modo, Marx propôs uma análise estrutural da sociedade, enfatizando como as relações sociais de produção moldam as condições sociais.

A vista disso, ao enfrentar o debate político/econômico da cultura moderna, refletida na arena dos acontecimentos da história entre os séculos XVIII e XIX, Marx arrisca-se a perpetrar uma longa elaboração teórico-científica, desenvolvida no curso de sucessivas aproximações ao seu objeto: a sociedade capitalista, que passa a ser submetida à rigorosa análise à medida que vão surgindo suas primeiras contradições. Sua pretensão o levou a superar as dificuldades nas quais padeceram os seus antecessores, notadamente, os teóricos da ciência econômica clássica (Gomes, 2020).

Karl Marx (2011), em oposição ao que chamou de economia vulgar entende que a ciência histórica e social deve observar o desenvolvimento das categorias econômicas na realidade (concreto) e na mente (abstrato), de modo que essas categorias possam expressar formas e modos de existência, a fim de perceber com profundidade o funcionamento do modo capitalista de produção. Afinal, são as relações sociais de produção que criam as relações jurídicas, ou seja, não se pode explicar uma época de transformações a partir da sua consciência ou ideologia, mas sim explicar essa consciência (ou conjunto de ideologias) a partir das contradições da vida material — do conflito entre as forças produtivas e as relações de produção (Santos, 2022, p. 603).

Portanto, a crítica da economia política como método, vai além da simples aplicação de regras no fenômeno estudado. Tem relação, muito mais, com uma ampla apropriação do conjunto de conhecimentos acumulados no sentido de não apreender apenas a aparência ou forma dada ao “objeto”, mas, sim, sua estrutura e sua dinâmica apreendê-lo como processo, criticando e revisando o conhecimento acumulado (Netto, 2011).

Em suma, seu método examina as condições materiais de existência como a base sobre a qual se desenvolvem a economia e os demais aspectos da vida social, implicando uma análise das forças produtivas, das relações sociais de produção e das estruturas econômicas como



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

determinantes centrais da organização social. Desenvolvendo de tal forma um método que não apenas descreve o fenômeno estudado, mas também crítica, buscando revelar as contradições do sistema capitalista e as possibilidades de transformação social através da conscientização da classe trabalhadora (Gomes, 2020).

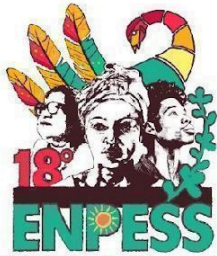
Conclui-se que Marx na construção de seu método não se limitou a apenas criar um conjunto de técnicas e regras específicas de pesquisa e análise de fenômenos, mas sim um arcabouço teórico, analítico e crítico profundo que visa compreender as estruturas sociais, as dinâmicas econômicas e históricas e as possibilidades de transformações sociais e revolucionárias, através de uma análise crítica das relações de classe presente no sistema capitalista. Desta forma, o método de Marx se perpetua nas pesquisas investigativas das ciências sociais e humanas pois a partir das delimitações feitas por ele conseguimos alcançar novos aspectos e delimitações da sociedade capitalista, considerando que o movimento do capital se perpetua e se acirra cada vez mais.

### **3. A categoria força de trabalho em Marx**

As sessões de estudo, abordados ao tema do método, atenderam aos requisitos da primeira etapa do nosso plano de trabalho, voltada à revisão bibliográfica da pesquisa. As discussões se referiam diretamente, não apenas aos fundamentos teórico-metodológicos do objeto de estudo na prática de pesquisa, mas do próprio objeto de reflexão da nossa prática de ensino na graduação em Serviço Social, através da disciplina: Economia Política e Serviço Social (Gomes, 2023).

Assim, a demanda por um conhecimento mais aprofundado em termos de crítica da economia política e ampliação dos estudos/avanço na análise intrínseca do objeto de estudo, se deu com o exame imanente e articulado dos textos à investigação da gênese histórica das suas categorias: força de trabalho, forças produtivas e relações sociais de produção.

Tomamos como aporte metodológico, o estudo teórico da economia política clássica, e identificamos que ela surge enquanto ciência burguesa que se dedica a investigar as leis que governam a produção de bens e suas relações de troca.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

No artigo de Santos, *A crítica da economia política como método: alguns elementos para investigação nas ciências sociais* (2022), o autor destaca o acirramento da luta de classes protagonizada pela burguesia em ascensão e a antiga nobreza em virtude da necessidade histórica de desvincular o direito consanguíneo do poder econômico e político. As contribuições da Economia Política Clássica evidenciam a associação da produção de riquezas com o trabalho humano, há nessa relação uma assimilação da realidade com caráter revolucionário, posto que as classes palacianas não trabalhavam e eram subsidiadas por tributos oriundos do trabalho do campesinato e dos comerciantes. Portanto, estabelecer o trabalho enquanto manancial dos valores socialmente produzidos revela não só a essência do ato de produção e impõe a relação parasitária de uma classe em relação a outra. A Economia Política Clássica é, portanto, assimilada pelo alemão Karl Marx e reconhecida por estabelecer a Lei do Valor (Cordeiro, 2024).

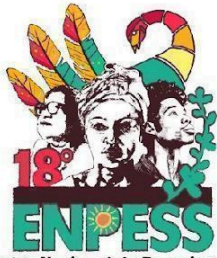
Acompanhando os passos de Marx percebe-se que ele caminha por esse “fio de navalha” em que tenta equilibrar uma ciência que se vê como continuação, e até como aperfeiçoamento, do que Smith e Ricardo disseram ao mesmo tempo em que lhes censura por terem se iludido com a aparência das leis da sociedade burguesa, as quais – longe de terem validade universal e a-histórica – são, de fato, leis específicas de uma etapa da história, criadas pela ação de um peculiar sistema social de produção (Feijó, 2015, p. 295).

Com esses pressupostos de Marx, entendemos que apenas a intervenção humana por meio do trabalho é capaz de forjar um valor novo, portanto, refere-se as competências técnicas e subjetivas do agente laboral munido de ferramentas, apetrechos que potencializam a força do trabalhador e atribuem eficiência e precisão a suas ações. Através de todos os elementos supramencionados, o homem pôde moldar o mundo natural conforme sua vontade e tornou-se senhor do ato de dominar energias naturais e converter suas potencialidades para infraestrutura societária. Os sons, por exemplo, a rigor são indômitos frutos do mundo natural, porém com a intervenção de um musicista portando um instrumento as ondas sonoras são organizadas por notas e timbres que constituem uma melodia. Há, portanto, transformação por meio do trabalho do musicista, por enquanto estamos referenciando o trabalho em sua completude, a atividade elementar na vida humana e em sua reprodução (Cordeiro, 2024).

No livro *O que é Dialética*, vimos com Leandro Konder (2008, p. 25), que o trabalho é indissociável do processo de superação dialética, posto que “[...] a superação dialética é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior.”

Em um desígnio concreto em contraposição a definição conceitual de Konder, podemos dizer que a superação dialética se realiza por meio da existência de uma matéria prima





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

valorosa como grãos e raízes comestíveis que em sua forma física originária não podem ser consumidos, portanto a humanidade os descasca, tritura, assa ou cozinha, negando suas propriedades primárias, mas preservando suas qualidades nutritivas que possuem valor. Por fim, esses ingredientes serão usados em pães, tortas e bolos e possuem riqueza de sabores e nutrientes, elevando seu valor originário em um valor superior (Cordeiro, 2024, p. 16).

Percebe-se, assim, que a única via de valorização das propriedades naturais da matéria primária é a intervenção humana. Consolida-se, portanto, a teoria do valor e sua condicionalidade, o trabalho.

O trabalho - admite Marx - é a atividade pela qual o homem domina as forças naturais, humaniza a natureza; é a atividade pela qual o homem se cria a si mesmo. Como, então, o trabalho - de condição natural para a realização do homem - chegou a tornar-se o seu algoz? Como ele chegou a se transformar em “uma atividade que é sofrimento, uma força que é impotência, uma procriação que é castração”? (Konder, 2008, p. 29).

Na orientação marxiana do método, o ponto de partida necessário para se fazer a passagem das representações plenas às determinações abstratas é o caminho metodológico da análise. Em termos dialéticos, os fenômenos, por si só, são *indeterminados*, portanto, abstratos; precisam ser definidos, relacionados, vinculados a outros conjuntos de elementos, para assim, passar à totalidade concreta, que incorpora às múltiplas determinações, como resultado de uma complexa cadeia de mediações (Gomes, 2023).

“Marx foca nas relações de produção, que são as interações sociais que regulam como os bens são produzidos e distribuídos. Ele analisa como essas relações moldam a estrutura social e econômica” (Silva, 2024, p. 10). Dessa perspectiva, as categorias trabalho concreto e trabalho abstrato configuram a cisão entre trabalho e força de trabalho na sociedade capitalista. O trabalho concreto configura qualquer dispêndio energético disposto pelo corpo humano para atividades de manutenção da reprodução da vida. Ou seja, o trabalho concreto dispõe de determinadas liberdades subjetivas, onde o indivíduo é autônomo em relação ao que está produzindo. O trabalho abstrato, por sua vez, configura a subtração de elementos fundamentais tais quais a criatividade e as individualidades que cada sujeito atribuiria a seu trabalho se o produto não fosse alienado dele (Cordeiro, 2024).

Neste sentido, a totalidade concreta é aquela que reúne dentro de si a totalidade dos níveis anteriores, um complexo de complexos. Por exemplo, a categoria capital se define, entre outras coisas, por dinheiro que se valoriza. Na relação de intercâmbio entre o capital e a força de trabalho, aparece à relação do valor que consiste em um intercâmbio de equivalentes, porém, um valor que na realidade é um intercâmbio desigual de equivalentes. Assim, a categoria de capital reúne dentro de si a categoria de dinheiro, valor, força de trabalho. E quando o capital ao comprar força de trabalho compra uma mercadoria, aí também incorpora a categoria mercadoria. Por isso é a primeira totalidade concreta construída teoricamente (Gomes, 2020, p.25).

À vista disso, as mercadorias capitalistas detêm o pressuposto da padronização em virtude da otimização produtiva e qualidade combinada entre todos os produtos. Portanto, é imprescindível que cada trabalhador não fuja dos parâmetros exigidos pelo empregador para constituir a mercadoria.

Desse modo, Marx considerou a distinção do trabalho produtor de mercadorias entre trabalho concreto e trabalho abstrato, distinção ausente na economia política clássica e expressão da contradição própria da mercadoria, seu diferencial e sua base para uma teoria do valor baseada no trabalho (Coggiola, 2021, p. 21).

Em suma, o trabalho concreto não serve aos princípios capitalistas de produção, mas a abstração do trabalho, a subtração massiva da subjetividade, demanda apenas as competências técnicas da capacidade humana de elevar valores, a força de trabalho. O capitalista não compra, portanto, o trabalho do operário, posto que trabalho é uma completude de competências, mas sim compra a força de trabalho, o fragmento da potencialidade do trabalho humano, a força criadora, do qual o capitalista precisa para reproduzir compulsivamente as mercadorias (Cordeiro, 2024).

A remuneração ofertada ao indivíduo em troca de seus serviços é nomeada salário, embora configure minimamente um nome para se referir ao preço da mercadoria força de trabalho e possui a finalidade de ceder ao proletário os meios de subsistência que seu salário puder adquirir.

O proletariado, homens sem meios de produção privados ou autonomia laboral, detém um único serviço para vender, uma única potência que configura o manancial dos valores socialmente produzidos posto que em concomitância com a teoria do mais valor a força de trabalho, capital vivo assimilado pela produção de mercadorias, produz o valor revertido em seu salário e soma ao trabalho cristalizado, capital constante sintetizado em máquinas, ferramentas e infraestrutura produtiva que não produzem valor e apenas o transferem, e agrega valor que não existia antes de sua intervenção (Cordeiro, 2024, p.18).

Ao avançarmos na análise da categoria força de trabalho, percebemos que com Marx que ela é o recurso criador da riqueza no modo de produção capitalista, além de ser a única moeda de troca que a população economicamente ativa possui para barganhar com o capital sua subsistência. Porém, a assimilação da força de trabalho pelo capital também sinaliza seu desmembramento, sua desfiguração posto que as subjetividades criativas são rejeitadas em virtude de uma padronização mercadológica.





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

#### 4. Forças produtivas e relações sociais de produção

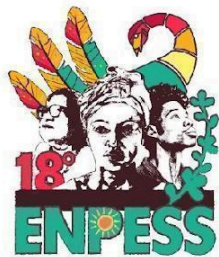
De acordo com Marx, as forças produtivas se referem ao conjunto de recursos disponíveis para a produção de bens, abrangendo os meios de trabalho (ferramentas e máquinas), os objetos de trabalho (matéria-natural e primária) e a força de trabalho que viabiliza todo o processo. As forças produtivas inserem-se como uma força motriz que evoluem ao longo de um determinado período, influenciando e dinamizando diretamente na estrutura. Entretanto, essa relação não existe isoladamente e imutavelmente, variando de acordo com o período histórico, ou mais especificamente de acordo com o regime de propriedade vigente no período.

Se a propriedade dos meios de produção fundamentais é coletiva (como na comunidade primitiva), tais relações são de cooperação e ajuda mútua, porque os produtos do trabalho são desfrutados coletivamente e nenhum membro do grupo humano se apropria do fruto do trabalho alheio; se tal propriedade é privada, particular (de um membro do grupo, de um conjunto de membros), as relações decorrentes são de antagonismo, posto que os proprietários dos meios de produção fundamentais apropriam-se dos frutos do trabalho dos produtores diretos, ou seja, estes são explorados por aqueles (Netto, 2012, p.72.).

Compreendendo tal conjuntura, observamos como os diferentes modos de produção influenciam nas relações sociais dentro de uma determinada sociedade. Em uma sociedade de propriedade coletiva, a distribuição dos recursos e a organização do trabalho destinam-se ao benefício coletivo, já com a inserção da propriedade privada os trabalhadores são necessariamente empurrados a exploração e repartição desigual, gerando conflitos, e sendo ela a raiz da luta de classes antagônicas.

A dicotomia entre forças produtivas e relações de produção exige uma complexa análise, em razão que um determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas demanda necessariamente relações de produção específicas, sendo fundamental que as relações sociais de produção correspondam ao nível de desenvolvimento das forças produtivas, pois apenas desta forma garantir uma adequada articulação entre elas (Silva, 2024).

Netto, em *Introdução ao estudo do Método de Marx* (2012, s/p), afirma “[...] enquanto as forças produtivas tendem, quase sempre, a um desenvolvimento cumulativo e intenso, as relações de produção modificam-se muito mais lentamente”. Portanto, quando as forças produtivas deixam de ser impulsionadas pelas relações de produção e começam a ser travadas por elas, essa “correspondência” é imediatamente substituída por uma contradição. E tal contradição acarreta a necessária transformação estrutural econômica e social do modo de produção vigente (Silva, 2024).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Assim, as categorias teóricas de forças produtivas e relações de produção não podem ser consideradas isoladamente, pois não são independentes entre si: o desenvolvimento das forças produtivas condiciona as relações de produção e essas, por sua vez, dependem daquelas que também as influenciam. Logo, o vínculo entre ambas é dinâmico e dialético, sujeito a permanente estado de evolução, com tensões e contradições ao longo do desenvolvimento histórico (Montoro, 2020, p. 39).

Como delimitado por Marx, a categoria econômica das forças produtivas é tão poderosa em termos analíticos, permitindo de tal forma, a caracterização de um dado período histórico, seu desenvolvimento e fim. Nesse sentido, considerando os aspectos históricos, observamos que cada sociedade possui determinado nível de desenvolvimento das forças produtivas, resultado da aplicação efetiva das possibilidades disponíveis para mobilizar os elementos do processo de produção.

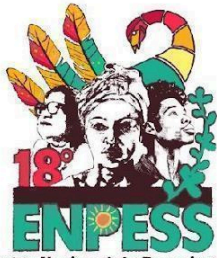
Ou seja, por trás da noção de forças produtivas, não está apenas o grau de controle da natureza pela sociedade, mas também o resultado social em que se materializa tal controle. Desse modo, o desenvolvimento das forças produtivas depende do trabalho e dos meios de produção disponíveis. Ou para ser mais preciso: depende das combinações que podem ser estabelecidas entre o trabalho vivo disponível (de acordo com sua quantidade e sua qualificação) e os meios de produção ou trabalho realizado (dependendo de sua quantidade e do avanço técnico que contenham). (Montoro, 2020, p. 33).

Para esse autor, as forças produtivas aparecem na obra de Marx, como uma categoria essencial na análise das dinâmicas econômicas e sociais, pois se refere ao potencial de produção de uma determinada sociedade, incluindo não apenas as tecnologias disponíveis, mas a capacidade da força de trabalho, além das suas condições organizacionais de transformação de recursos em bens. Tal desenvolvimento manifesta a capacidade de transformação de toda uma estrutura econômica de uma sociedade.

Se tratando do modo de produção capitalista, o desenvolvimento das forças produtivas se caracteriza por um duplo movimento de afirmação e contradição em relação as relações sociais de produção predominantes da época. Na realidade, é o conjunto das forças produtivas e das relações de produção que constituem o modo de produção de cada sociedade. Por isso, o estudo acerca do modo de produção capitalista é tão complexo.

O modo de produção capitalista encontra no desenvolvimento das forças produtivas uma barreira que nada tem a ver com a produção da riqueza enquanto tal; e essa barreira testemunha a limitação e o caráter tão-somente histórico e transitório do modo de produção capitalista; testemunha que ele não é um modo de produção absoluto para a produção da riqueza, mas que antes entra em conflito com seu desenvolvimento, em certo estágio (MARX, 1987, p. 314).

O exposto acima ilustra como as forças produtivas tanto reforçam quanto desafiam a estrutura social já existente, o que evidencia a sua complexidade e seu caráter contraditório,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

demonstrando o intenso impacto que as relações sociais de produção e suas transformações causam sobre a estrutura não só econômica, mas também social, por diversas vezes tal movimento é tratado dissociado, compreendendo o desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção como processos autônomos e externos a dinâmica da sociedade. Necessariamente a história é marcada e permeada por processos contínuos de transformações, os seres sociais criam relações e formas organizacionais de garantia de sua sobrevivência na sociedade, e tais relações são inexoravelmente mutáveis (Silva, 2024).

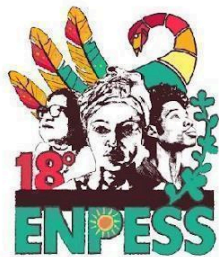
## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No artigo, procuramos abordar o aspecto teórico-metodológico da nossa pesquisa em andamento, partir dos estudos sobre o método da crítica da economia política, tomando como referência, no plano abstrato, a análise marxista das categorias, trabalho, forças produtivas e relações sociais de produção. No plano concreto, a finalidade é assimilar, com detalhes, a matéria que vem sendo investigada no Plano de Trabalho da iniciação científica, intitulado: Determinações do ajuste permanente no Brasil: Crise e rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho.

É nessa perspectiva teórico-metodológica que se concentrou o nosso esforço da primeira fase da pesquisa. Como se pôde observar, pela exposição que fizemos no artigo, consideramos fundamental para o estudo dos fenômenos econômicos, um método que torne cognoscível as leis do desenvolvimento capitalista e que foi formulada por Marx no terreno da história, através de um complexo arcabouço categorial, como instrumento metodológico para explicar a realidade.

Deste modo, tal qual exposto, as categorias são apreendidas, a um só tempo, como reproduções mentais e objetivações concretas, numa dinâmica de captura da realidade histórica por meio da consciência (por aproximações sucessivas). Isto quer dizer, que através da abstração a economia cria um arcabouço conceitual que são expressões teóricas que procuram reconstruir e dar significado lógico aos modos de produção, que são históricos, determinados, e, portanto, transitórios.

Por fim, procuramos demonstrar que o percurso analítico metodológico da proposta de investigação, vem dando continuidade e adensamento ao objeto de pesquisa, através das



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

referências aportadas, tanto no Projeto de Produtividade (CNPq), quanto no projeto de Iniciação Científica em andamento (Modalidade PIBIC/UFPB/CNPq).

## REFERÊNCIAS

BOISGONTIER, Octave. Le croisé sans visage. **La Vérité**, n. 554, p. 254-287, 1971.

CORDEIRO, Fernanda de M. Machado. **Ajuste permanente no Brasil**: Reforma trabalhista e rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho. Relatório final de Pesquisa de iniciação científica, 2023/2024; modalidade PIBIC/CNPq/UFPB, 2023.

GOMES, Cláudia M. C. **Determinações do ajuste permanente no Brasil**: Crise e rebaixamento dos custos de reprodução da força de trabalho. Projeto de Pesquisa, 2024, UFPB/PIBIC/CNPq. 29fs.

GOMES, Cláudia. Crise e Dependência: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016. **Projeto de Pesquisa Produtividade CNPq**, 42fs. 2022.

FEIJÓ, Ricardo L. C. **A ideia de Ciência em Karl Marx**. Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 14 - No 31 - Set./dez. de 2015.

KONDER, Leandro. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos; 23.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I. Vol.1, ed. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

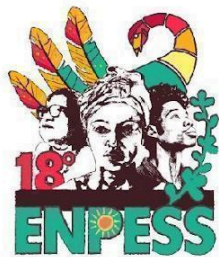
MARX, K. Elementos fundamentales para la crítica de la economía política (**Grundrisse**). Vol. 1, México, Siglo Veintiuno editoras, 1987.

MONTORO, Xabier Arriabalo. **Capitalismo y economia mundial**. Madri: IMEARCIS-Udec, 2014<sup>a</sup>.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Macelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANTOS, Nivalter Aires dos. **A crítica da economia política como método**: alguns elementos para investigação nas ciências sociais. Revista Katálisis, v. 25, n. 3, p. 600-610, 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

SILVA, Rita de Cássia de Souza. **A crise e o Brasil na divisão internacional do trabalho:** exigências da precarização. Relatório final de Pesquisa de iniciação científica, 2023/2024; modalidade PIBIC/CNPq/UEPB, 2023.

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.